



BRASÍLIA NO MUNDIAL DE

» ALINE GOUVEIA
» MARIANA NIEDERAUER

Os sonhos da paratleta de tênis Thalita Rodrigues, 29 anos, estão cada vez mais próximos de se realizarem. Atual número 1 do mundo no Para-Standing feminino, ela conseguiu os recursos necessários para pagar a passagem aérea e vai representar o Brasil no mundial da categoria, que será realizado em Turim, na Itália, entre 20 e 23 de junho. A jovem brasiliense, moradora de Aniqueiras, arrecadou o dinheiro para arcar com as despesas da viagem por meio de uma vaquinha on-line.

Thalita conta estar empolgada para participar da competição mundial e sonha que a categoria que ela disputa vire modalidade paralímpica. Ela nasceu sem o antebraço esquerdo e competia contra atletas sem deficiência, pois a modalidade era restrita a pessoas cadeirantes.

“O Mundial da Itália terá jogadores de todos os países, então, para a gente é um grande avanço. Nossa categoria está se preparando cada vez mais para conseguir entrar na paralimpíada. Esse é o meu maior objetivo e sonho”, ressalta Thalita, que coleciona conquistas na carreira como esportista. Em janeiro deste ano, ela alcançou o segundo lugar em uma competição de duplas do torneio Oceania Para-standing Tennis Championship, na Austrália. No mundial do ano passado, na Itália, a paratleta foi a grande campeã.

Thalita começou a disputar no Para-Standing Tennis, que é apoiado oficialmente pela Federação Internacional de Tênis (ITF) desde 2024. A categoria é para pessoas com deficiência que atuam em pé — a atleta nasceu sem o antebraço em decorrência de uma doença contraída pela mãe durante a gravidez, a rubéola. “No ano passado, houve 40 tenistas da categoria. Neste ano, já são mais de 100. Só está crescendo e eu estou muito feliz. Estou treinando muito, me preparando desde o começo do ano”, afirma a paratleta.

Apesar de celebrar o sucesso da arrecadação on-line, Thalita chama a atenção para o fato de que falta patrocínio de empresas ao esporte. “Haverá um torneio em Barcelona, uma semana antes do da Itália. Eles marcaram a data próxima para a galera conseguir ir

O tênis me deu muita qualidade de vida, por eu estar sempre me movimentando, mas também no âmbito mental, de saber lidar com os problemas”



nos dois. Só que eu não consegui verba para ir e decidi focar só no da Itália”, relata a paratleta, que começou a jogar tênis aos 8 anos de idade.

Para Thalita, o tênis ajuda nas habilidades física e mental. “O tênis me deu muita qualidade de vida, por eu estar sempre me movimentando, mas também no âmbito mental, de saber lidar com os problemas, de ter paciência. É um esporte lindo, que representa tudo o que sou hoje”, diz. Ela defende que o esporte é uma ferramenta de inclusão. O centro de treinamento da paratleta brasiliense leva o nome dela e fica na Associação Portuguesa de Brasília, em Taguatinga. Lá, Thalita também dá aulas de tênis para crianças e adultos.

PARA-STANDING TENNIS

Número 1 do mundo, Thalita Rodrigues está empolgada para participar da competição e sonha que a categoria em que compete vire modalidade paralímpica

Trajetória

A história de Thalita se entrelaça com a de Brasília. O amor pelo esporte ela herdou do avô, Seu Sobral, pioneiro que construiu a primeira quadra de tênis de Brasília. Durante a empreitada, apaixonou-se pelo tênis, começou a treinar e tornou-se atleta profissional. Os ensinamentos foram passados ao filho Oséias, 60, pai de Thalita, que seguiu carreira como treinador. A atleta tem três irmãs que também foram treinadas pelo pai, mas apenas ela transformou o esporte em profissão.

Aos 10 anos, jogou o primeiro torneio e, aos 18, havia alcançado o top três de sua categoria. Thalita faz parte da geração dou-rada de tenistas de Brasília e, consequentemente, do Brasil. Treinou ao lado de expoentes como Bia Haddad Maia e Thiago Monteiro, sob o comando do premiado técnico Lari Passos. O gaúcho ficou conhecido por treinar Gustavo Kuerten, o Guga, ícone do esporte nacional e tricampeão de Roland Garros.

A dificuldade em conseguir patrocínio sempre assombrou a carreira da atleta.

Thalita perdeu dois grandes torneios, na Turquia e no Egito, por falta de financiamento. A saída para continuar treinando de forma profissional foi estudar fora, como bolsista, em universidades dos Estados Unidos. Representando a Universidade de Toledo, onde formou-se em administração esportiva e marketing, ela jogou na divisão 1 do país.

Aos poucos, a paratleta vai chegando mais perto de realizar o maior sonho: que a categoria de tenistas que representa se torne esporte paralímpico. “Estou muito feliz mesmo de estar representando o Brasil. No primeiro torneio, era apenas eu de brasileira. Agora, são sete. Tem muita gente igual a mim”, observa.

“Em meus 22 anos como tenista, enfrentei desafios, frustrações e momentos difíceis, mas tentei sempre não desistir. No mundial da Itália do ano passado, passei por momentos complicados, mudei minha estratégia e conquistei a vitória. Na final, minha determinação me levou à vitória e me tornou campeã. Esse momento marcante em minha carreira me mostrou que, com superação e persistência, é possível alcançar o sucesso. Seguirei firme em minha busca por excelência, mantendo vivo o desejo de vencer e jamais desistindo dos meus sonhos”, celebra a brasiliense.

Saiba mais
O que é para-standing tennis?
É uma modalidade de tênis adaptada para pessoas com deficiência física ou mobilidade reduzida. Nessa categoria, os jogadores podem permanecer em pé durante a partida, usando próteses adaptadas e com regras que se adequam às necessidades dos participantes. A categoria conta 400 jogadores de 31 países diferentes.